

E se o ventilador me matasse?

de Thais Vasconcelos

Eu me chamo Gule. Gule mesmo, não é apelido. Meu pai era Gutemberg e minha mãe, Leonor. Eu sou Gule. Minha irmã era Ana. Minha irmã Ana que mundo atropelou. Sou uma mulher sozinha. Sozinha mesmo. Não é modo de dizer. Acho importante mencionar. Sou uma pessoa que se importa demais com coisas que não nem sempre são importantes. Eu tenho as minhas questões. Todo mundo tem. Gostaria de acreditar que o ato de estar viva já é um acontecimento, mas nem sempre consigo realizar as coisas que gostaria. Quem consegue? Então eu fico aqui esperando que alguma coisa aconteça. Nem precisa ser tão grandiosa. Só uma coisa. O tempo todo tenho a sensação de que coisas esperam ser acontecidas. Eu só queria que as coisas mudassem.

Essa noite eu sonhei. Daqueles sonhos que martelam a cabeça mesmo depois de acordar.

Era como se a cabeça descansasse em um colo quente. O teto aberto do espaço era circular e bonito.

Abro os olhos, dentro do sonho, estou em uma cama que não é a minha. Uma mulher que se parece com a mãe abre a boca, parece falar, mas eu não escuto. Eu nunca escuto Leonor. Não digo nada. Uma ventania invade o quarto, mas não vem de fora. O ventilador de teto gira em alta velocidade. Eu espero ele cair em cima de mim. Fecho os olhos e faço uma contagem regressiva mentalmente. Fim do sonho.

Tem gente que sonha que voa. Eu sonho com o ventilador que quase cai em cima de mim. Mas ele nunca cai.

Acordo no meu quarto que continua o mesmo. Aqui tem um cheiro de canela. Nada mudou durante a noite. Não que eu saiba. E eu queria tanto, mas tanto... A pilha de roupa acumulada me olha com a mesma cara de todo dia. Crescem tão rápido.

O sonho continua martelando a cabeça. Preciso escrever sobre isso, preciso escrever sobre isso... sobre qualquer coisa.

Eu escrevo. Escrevia. Não sei.

Escrevo pra tentar acontecer a mim mesma. Menos agora que não tenho escrito muito porque não tenho acontecido quase nada, logo não consigo escrever para acontecer qualquer coisa que seja.

Tá quente aqui. O ar tem um peso de umidade, uma sensação de abafamento, de bigorna que cai do nada e me esmaga. Dizem que vem uma frente fria. Tomara.

O jeito é ligar ele pra ver se o ar circula.

Aqui está meu acontecimento. Parado, sentado no banco. Inerte. Como as coisas devem ser.

Talvez ele não esteja de bom humor.

Talvez as coisas sejam assim mesmo e se recusem às vezes.

Talvez eu me recuse também.

Eu entendo.

Ele me olha desse jeito tão sem jeito. Coitadinho. Não quer ser mexer. Não hoje.

Justo hoje. Eu não esperava. Ou esperava? Esse é o acontecimento que a vida me reserva pra hoje?

Se recusa a ligar. Não quer mais desabafar... o ar. Me sinto meio abafada, meio abandonada, arrasada. Sei lá.

Ele se foi. Faleceu.

Não quer ligar, de jeito nenhum. Não adianta. Os outros botões de potência, nenhum suspiro. E se eu girasse as paletas para ver se com impulso elas se animam a funcionar por conta própria? Em vão.

E se eu

Merda.

Triste, triste. Mas triste é bom. Inspira.

E agora? Vai ter que ser consertado.

Quando olho com os olhos de dentro, as coisas poetizam. O conserto vira concerto. Ouço ele cantar em um lugar bonito, com o lustre pendendo do céu, ele girando em música, em ar renovado, concertado - com c.

Lembro da Ana pequena cantando "a, e, l, o, u, ípsilon". De frente pro ventilador, pra voz sair toda tremida do vento. Seria essa música que ele canta no meu concerto?

Posso aceitar que não terei mais o vento dele nos dias de calor, nos dias em que os mosquitos resolvem aparecer, nos dias que tento escrever porque ele renova o ar e faz um barulho, meio música, a música da Ana pequena, um sonzinho tão acostumado. Fazia. Hoje não tá fazendo.

Tá tão quente aqui.

Dá uma preguiça de ter que resolver a vida, as coisas, o ventilador quebrado. Só de pensar eu me calo e engulo o planejamento só pra ficar aqui sem fazer nada.

Não é só comigo que isso acontece.

Não é só domingo que isso acontece.

Acontece nas segundas também.

Acontece em muitos lugares

com muitas pessoas

com coisas que não esperamos

Não importa.

Mas hoje é diferente. Sigo pensando no ventilador desacordado e na ausência do vento dele. Dá vontade de resolver. Sabe uma vontade de resolver que é só uma pontadinha? Ou você se agarra nela e resolve ou deixa essa pontinha sumir e ela pode nunca mais voltar.

Olho pra ele, sentado no banquinho de madeira, me encarando como um velho amigo no seu leito de morte.

Uma coisa besta dessas. É simples. Uma mulher adulta que precisa lidar com o cotidiano. Era para ser uma coisa sem importância. Quase como se não fosse acontecimento. Mas é.

O mundo cobra das pessoas que elas sejam o que ele espera que elas sejam e as pessoas cobram que as pessoas façam aquilo que elas acham que o mundo espera delas e o mundo e as pessoas do mundo se movimentam em torno de cobrar uns aos outros num ciclo sem fim.

Ser alguém.

Ter alguém

Causar acontecimentos.

Ter iniciativa.

Ser poesia.

Ter filhos.

Ser ativo.

Ter ineditismo.

Causar saúde física e mental.

Ser dinheiro.

Causar alguém.

Ter acontecimentos.

Para caber no mundo.

Para que o mundo aceite a sua presença nele.

Para que as pessoas aceitem sua presença nelas. Cansativo demais.

Esses dias eu vi o papel com o telefone. Onde eu vi? Onde eu vi. Onde foi que eu... Aqui.

Só conheço um lugar que conserta coisas velhas. Mas esse é um lugar tão velho que eu nem sei se ainda funciona. Funciona o lugar para consertar coisas que não funcionam?

E se funciona será que eles me consertam também? Que piada triste. Eu nem sou tão velha assim. Quebrada só as vezes. Ainda bem que eu não ganho a vida tentando ser engraçada. Eu nem ganho a vida. Ela é que tem ganhado de mim. Hoje eu tô hilária.

Será que ligo? Ligo? Ou aceito a morte do jeito que ela vem? Sem lutar. Sem me debater. A morte que parece até a minha.

Não. Nada. Não faço nada. Nem sigo em frente nem resolvo.

É isso. Fui derrotada.

- Quanta comiseração.

Oi?

- Você tem uma pena de si mesma, Gule.

Você está aí.

- Não é porque eu não estou atualmente desempenhando as funções que me foram designadas que não estou aqui. Eu estou aqui.

Desculpe. Eu sei. Achei que porque você não queria mais girar. Eu achei que você tivesse partido. Me desculpe.

- Não estou partido, nem parti. Continuo aqui, Gule.

Sim. Claro. Eu te vejo aí.

- Obrigado.

Vamos tentar te consertar. Pra tudo voltar como era antes.

- Saudade?

Vamos. Vamos te consertar. Sim.

- Você não queria tanto, mas tanto que alguma coisa mudasse?

Claro que sim, mas não queria que você fosse embora.

- Não precisa se explicar.

Bom...

certo.

- Cadê teu celular?

Aqui.

Eu Vou mandar uma mensagem.

- Mensagem não. Demora pra vir resposta. Faz uma chamada. Coisa simples, pergunta se eles ainda consertam coisa velha. Se a resposta for sim, pois amanhã você me leva até eles para ser consertado.

Mensagem demora muito mesmo. Liguemos, pois.

Coisa simples. É só ligar.

Alô. Oi. Aqui é a Gule.

“G” de Gutemberg,

“U” de última.

Isso.

“L” de Leonor.

“E” de... de Esqueci. Esqueço sempre, mas acabo lembrando.

Pode ser.

Oi, desculpa. De onde fala? Certo. Vocês ainda trabalham com certo... Digo, CONSERTO...

com S. Vocês consertam? Coisas quebradas. Isso. Pizza? Não entendi. Não trabalham?

Ela disse que não. Sabe dizer onde... Certo. Conserta. Com certa... Tem certeza? Não.

Ela disse que não consertam. Parece que agora eles fazem pizza.

- Só isso? Não vai tentar mais?

Tentar o que? As pessoas não consertam mais coisas velhas, amor. O conselho delas vai ser sempre “compra um novo, sai mais barato que consertar”. As coisas velhas vão ficando pra trás e quanto mais pra trás vão ficando mais difícil mantê-las vivas.

Eu me lembro do dia exato que eu te conheci. E te deixar dói. Você se importa de ficar aqui mesmo sem girar sozinho?

- Eu vou continuar aqui, Gule.

É tão dolorido. Me entende? Se eu soubesse como, te consertava eu mesma.

- Não tem problema. Não precisa.

Lembra de quando eu dançava na tua frente e fazia videoclipes imaginários com o meu cabelo voando?

Quer dançar comigo? Vem que eu te giro.

Pela sala.

Pelo quarto.

Pelo teto.

- Pelo teto não. Eu sou de chão.

Há dez anos, Ana saia de casa para nunca mais voltar. Lembrei. Lembrei disso agora, imaginando o vento nos cabelos e como tudo passa tão rápido.

Eu fico aqui esperando, sei lá, o fantasma dela aparecer e me explicar das coisas que eu não sei. Pra gente ter mais tempo. Mas eu nunca vi um fantasma. Talvez devesse tomar umas aulas, sei lá.

Uma grande mudança que me ocorreu. Eu fiquei e ela se foi. A morte é um divisor de águas. A morte levou a Ana e eu continuo ouvindo ela cantar na frente do ventilador “a, e, i, o, u, ípsilon”.

Espera. Calma. Eu vi uma vez em um filme. Luto passa, as lembranças eventualmente são esquecidas, o amor fica. Dói que ele fique. Mas eu gosto de doer. Tudo bem doer.

Ana foi atropelada pelo mundo. Ela não foi acontecida, ela aconteceu a si mesma. Ela era assim, quando não queria, não queria mesmo. Ana não quis mais.

Canta que passa, Gule.

“A, e, i, o, u, ípsilon”

- Você está falando sozinha?

Não. Estou falando comigo mesma. Não é a mesma coisa. Falar sozinha quer dizer que ninguém te escuta. Eu estou me escutando.

- Qual é o problema, Gule? Saudade?

É, sinto falta de ser literal, estou cansada da poesia do dia a dia, palavras lindas que escorrem vazias. Tão cansada.

- Não entendi.

Depois, perguntam.

Por que você odeia tanto ter que se relacionar com pessoas?

As pessoas esperam demais das outras pessoas. Elas que se expliquem.

Eu espero das pessoas que elas se expliquem. Me expliquem por que vocês querem tantas explicações de tudo. Eu não sei de nada. Eu já disse que eu não sei.

Espero qualquer coisa que exista, que machuque, que exija. Será que eu preciso explicar?

- Não precisa, Gule. Não pra mim.

É um sonho do que eu gostaria que fosse. Que doesse.

Leonor sempre dizia que sonhar com água quer dizer mudança. Que água vem pra lavar tudo e levar tudo. Tantos significados que isso pode ter. Às vezes eu fico torcendo pra que alguma coisa mude. Pra uma água me levar também. Muda, Gule! Muda, Gule! Olha

pra dentro, Gule, me disseram uma vez. Nada nunca muda. Ou muda e eu nem vejo. Muda aqui dentro.

Me chamo Gule, que de trás pra frente é Elug. Seria uma mudança e tanto meu nome ao contrário.

“E” de estômago

“L” de licor

“U” de urgente

“G” de gostaria muito de ter outro nome.

ELUG.

Nem combina comigo. Ana que tinha sorte. Ana é a mesma coisa de trás pra frente. Ana é Ana ao contrário. Eu sou uma Ana que não deu certo.

- Deu sim, você é que não vê.

E eu nunca sonhei com água, Leonor.

Sempre sonho com o ventilador de teto. Ele me acontecendo. Quase se desenroscando do teto no meio da noite e caindo sobre mim. O sonho é sempre na casa onde morei na infância. Eu lembro do ventilador velho que rangia muito quando era ligado. Eu ligava sabendo dos riscos que corria.

Eu poderia jurar que um dia ele me matava.

- Não matou.

Não.

A Ana morreu, mas não foi disso.

Não matou porque a gente se mudou a tempo. Não sei se chegou a cair nas pessoas que compraram a casa. Sei que não caiu em mim. Isso não foi sonho. Eu achava que ele ia cair mesmo. Acordada.

Ficava imaginando o momento exato em que aconteceria.

- Você tem esse desejo mórbido de ser atingida. Você não tem coragem de fazer o mesmo que a Ana e torce pra que alguma coisa aconteça pra que você também morra.

Não é a mesma coisa. Eu gostaria de ser acontecida. Não de morrer. É diferente.

Eu queria que ele viesse até mim, me girar na cama. Queria que aquele objeto quisesse me acontecer de algum jeito. Sonhava com o peso das paletas dele partindo a minha pele, e quando ele terminasse de cair eu desaparecesse de mim e virasse uma outra coisa. Sumisse em pele rasgada, lençol e sangue. Queria que ele me amasse tanto a

ponto de se desenroscar do teto que ele era ligado e caísse em cima de mim toda e que isso fosse importante pra ele.

Ele partindo o teto e ventilando desgovernado pelo céu até aterrissar com força na minha cama, me cortando no meio, rasgando tudo, fronha, travesseiro, colchão... e no dia seguinte uma manchete de jornal circulasse pelo mundo “A MULHER FOI DILACERADA PELO VENTILADOR DE TETO”. Não. Melhor “VENTILADOR ACONTECE MULHER”. Eu sou a mulher.

Eu começaria a pintar maravilhosamente bem, como a Frida depois do acidente. Ou escrever. Voltaria a escrever e seria minha melhor versão.

“Você vive num mundo do ‘e se’, Gule”, consigo ouvir a voz da Leonor dizendo. E se acontecesse alguma coisa, e se o ventilador me matasse, e se Ana não tivesse... e se eu não ficasse paralisada com os olhos abertos...

- Lamento não poder cair em cima de você. Não sou de teto. Sou de pé, de chão. Sou pé no chão. Não te aconteceria só por um momento, Gule. Eu gosto tanto de você. Gostaria que você pudesse me ouvir.

Eu posso! Te escuto em tudo que você diz.

- Olha, Gule, eu ainda estou aqui do seu lado.

Eu sei. Hoje é um dia bom.

Hoje é quarta-feira. O dia que o homem que passa, passa. Lembra? Daquele cara que passa na frente da minha janela todas as quartas-feiras por volta das dezenove e trinta? Sagrado. Ele sempre passa. Gosto tanto de saber que ele vai passar, exatamente na hora que ele vai passar.

- Eu ia dizer que hoje é um dia bom por outra razão. Mas sim. Me lembro. Lembro sim.

O homem está sempre carregando uma caixa misteriosa. Misteriosa porque eu não sei o que tem dentro, mas acho sexy. Chique. Cinematográfico.

- Você quer que eu te conte uma história pra te distrair? É só dizer: sim, me conte uma história para me distrair.

Não. Obrigada. Agora não.

Estou concentrada aqui.

Às vezes você se parece com aqueles dispositivos de inteligência artificial.

- É assim que você me vê?

Você está dispersando as coisas.

Escuta só.

Estava falando do homem que passa.

Ele passa e fica uns segundinhos me olhando do outro lado da rua. Ele sempre atravessa a rua na frente da minha janela. A cena é de cinema. A gente se olha. Eu fico na janela esperando que ele passe e me olhe e eu possa olhar de volta. Ele sempre faz um movimento com a cabeça como se fosse olhar em câmera lenta. Levanta a cabeça assim devagar e sobe os olhos na direção da minha janela. E eu espero plena, na janela, com cara de mistério também, indecifrável. Tudo tão cinematográfico. Então ele atravessa a rua e vai embora. É tão real. Tão vivo!

Deveria ser filmado. Por que na vida quando acontecem cenas de filmes não tem alguém filmando?

- Se você quiser eu posso filmar.

Imagina. Tudo pronto. Alguém grita “luz ok, som ok, rodando... ação!” E ele vem, todo meio galã despretensioso e eu lindíssima na janela, em meia luz esperando com olhos semicerrados. E de repente, toca ao fundo uma música. O mundo para de girar para não atrapalhar. E alguém grita “Corta”.

- É o mundo com inveja.

O mundo morre de inveja da minha cena com o homem que passa. Você não. Não é?

- Eu não, Gule.

Toda semana eu tento criar coragem para falar alguma coisa ou ir até ele. Sei lá. De qualquer forma, não saberia o que dizer.

- Pergunta o nome dele.

Já pensei em perguntar o nome dele, mas assim, do nada... parece meio repentino. Talvez hoje eu pergunte as horas.

- Patético.

Não me julga!

Gostaria muito de saber o que tem na caixa que ele sempre carrega, às quartas-feiras, por volta das dezenove e trinta. E porque às quartas às dezenove e trinta.

Lá vem ele com o olhar misterioso e a cena prestes a acontecer. Ele é puro mistério. Mas eu desvendo.

Oi! Tem horas?

- Sete e meia!

Eu esperava dezenove, ele disse sete. Esperava trinta, ele disse meia. E agora? O que eu digo? Pergunto o nome.

E se for um nome horrível? Eu não sei se quero saber o nome dele. É bom não saber mesmo. Tem mistério. E se eu não gostar do nome dele ou se não combinar com a cara que ele tem? Gosto de pensar que ele se chama... Não! Certeza que esse não é o nome dele. Eu tenho certeza que o nome dele não combina com a cara que ele tem. Posso perguntar outra coisa. Deixa o nome para outro dia. O que se pergunta antes do nome?

- Geralmente é “tudo bem?”, mas é só se você já conhece a pessoa.

Já era. Ele já foi.

E agora vou ter que esperar até a quarta que vem. Ele só passa às quartas-feiras, por volta das dezenove e trinta.

É um saco ter que esperar.

- Finge que os dias não precisam passar. Eu estou aqui com você.

É. Eu sei. Tá sempre.

- O que você quer dizer com isso? É ruim?

Dezenove e trinta e dois. Avião. Estranho passar a essa hora. Não é costume. Deve ser um voo especial.

- Gule? Não muda de assunto.

Eu sempre anoto a hora que o avião passa rente ao telhado. Faço uns cálculos sobre as possibilidades dele passar e levar o telhado junto. Levaria a história do ventilador de teto que se recusou a cair em cima de mim. Seria um acontecimento e uma vingança. Simbólica. Não tenho mais o ventilador de teto.

- Mas tem eu.

Esperando sempre alguma coisa que não acontece e de repente um avião passa bem na hora que ele não deveria passar.

Não estava programado.

Nada tem me atropelado ultimamente, exceto um desejo de que algo me atropele.

Percebe o absurdo?

- Gule?

O que me atropela é justamente o desejo de que algo me atropele.
Eu estou meio desesperada. Meio sem chão, sem teto. Gostaria de dizer foda-se para tudo isso.

Eu digo um grande foda-se!

- Foda-se! Você disse! Duas vezes!

Disse!

E ele dança planando no céu.

E eu danço aqui na terra, nesta sala, neste momento.

Me arrumei toda para ser acontecida.

- Tá linda.

Obrigada, mas não adianta nada. Me dá um beijo?

Anoiteceu e eu penso no dia que deveria ter sido, mas fiquei aqui. Fico aqui sempre.

São dezenove e trinta e seis. Outro. Um avião jamais deveria passar num intervalo tão curto do outro.

É que

Tenho o dom de prestar atenção em coisas inúteis da vida adulta.

“Hoje eu vou dormir cedo!”, eu penso todo dia acreditando de mentirinha. E aí, do nada, estou calculando o tempo de rota de aviões e as possibilidades de colisão, toda maquiada e vestida com roupas que nunca veem a rua. Me sinto uma idiota, mas uma idiota obstinada.

- Você está divagando. Quer me dizer alguma coisa? Estou aqui.

Eu poderia escrever sobre isso, mas de um jeito poético. Ou em um romance que eu pudesse lançar e ser reconhecida como uma escritora que consegue ter um sucesso depois de outro. E não uma escritora que só conseguiu escrever uma única vez.

- Não é bem um cálculo. É tipo um feitiço. Se você anota uma coisa que você quer em forma de anagrama e repete esse anagrama quantas vezes puder, pode ser que a coisa aconteça. Eu ainda estou aqui, Gule

Eu te vejo. Te escuto, o que você quer que eu faça?

- Nada. Nada, não.

Eu não calculo, eu torço fervorosamente para que um dia eles se choquem, mas que não tenha ninguém dentro, que ninguém se machuque, apenas que eu veja uma explosão de coisas que se chocam e que alguma parte de um deles caia em cima de mim. Como a explosão que acontece dentro de mim a todo instante.

Um pedaço de turbina fumegante arrancando o topo do prédio, o gato do telhado, o lustre. Dane-se o lustre. As partes carbonizadas de metal caindo em cima de mim. Num dia qualquer. Numa terça-feira depois do almoço, antes da sobremesa.

- Parece que você está sempre querendo que alguma coisa lhe caia sobre. Tem um pouco a ver com o tempo.

E que me arranque definitivamente da minha incapacidade de acontecer.

Outro avião. Quantos!

Penso sempre em escrever sobre esses aviões que passam.

No fim, acho melhor não. Não saberia ser profunda, poética e relevante sobre eles.

No fim, eu sou uma escritora que não escreve. Já viu isso? O ato de começar a escrever já implica de saída em uma grande responsabilidade que eu nem sempre sou capaz de carregar.

Uma vez escrevi um livro que fez maior sucesso. Foi traduzido pra outras línguas e tudo. Dei sorte, afinal. Depois disso, todo mundo que leu ficou esperando que o próximo livro que eu escrevesse fosse outro sucesso retumbante. Teria sido mesmo. Se eu tivesse escrito. E eu seria uma estrela da literatura. Nas capas dos jornais, nas revistas, na televisão, na internet e até em outdoors, eu estaria espalhada pelas cidades e voaria como cinzas de um incêndio intencional de algum crime contra o meio ambiente e que

Entende a responsabilidade de ser um acontecimento temporário?

- Gule, você está sendo complacente. Não vê quanta coisa você aconteceu até aqui?

Aconteci? Quando?

- Agora, ainda a pouco, você acontece muito. Todo tempo.

Tempo é uma merda.

Eu fantasio que eu não sou eu. O tempo todo.

Abriu um concurso de poesias, nunca escrevi poesias, mas não deve ser difícil. É só escrever poesias. Preciso arrumar um caderno novo. Um só para poesias.

Acordar cedo e praticar ioga. Comprar um tapete. Sim. E também aquele elástico e almofadinhas de ioga. Como se chama mesmo?

- Como são as pessoas que o mundo espera que habitem nele?

P E S S O A S

Uma existência que obriga a ser, ter, respirar, resistir, amar, confundir, calar, tropeçar, vagar, encontrar, calar e mais uma infinidade de verbos. Um monte de células juntas que trabalham incansavelmente para que contas sejam pagas, histórias sejam contadas, conversas sérias sejam pronunciadas com a voz que sai de dentro cortando o espaço vazio do tempo do corpo e ações aconteçam em milésimos de segundos o tempo todo todos os dias das horas que

É bom pro coração. Caminhar

É isso que o mundo quer?

E nessa vida nova eu poderia ser outra pessoa.

É preciso planejar tudo.

E açúcar demerara e sal rosa do Himalaia.

Eu não me chamo Gule.

Eu não me chamo Gule. Não mais.

- Eu não quero ser esse tipo de coisa que o mundo espera que uma coisa seja. Nem que quisesse poderia ser.

Eu odeio continuar aqui.

Eu odeio esse lugar.

Eu poderia ter outro nome.

E se o ventilador de teto caísse sobre mim? Eu morreria?

Eu vou fazer tudo diferente. Não vou mais esperar que alguma coisa me aconteça. Vou ser aquilo que o mundo quer das pessoas.

O mundo que sabe.

- O mundo pode ser bem cruel.

O que mais o mundo quer?

Que eu faça tudo ao contrário do que eu já fiz até hoje.

Que meu nome não seja Gule.

Nem Ana.

Quero que o mundo pare de uma vez por todas de girar e que eu pare de me importar com o que o mundo quer de mim.

- Sabia que existe um alfabeto de vitaminas dentro de uma única cápsula?

Sim. Vitaminas. Vitaminas de A a Z.

- Achei que você gostaria de saber.

É preciso comprar os limões. Tenho um nome novo.

- Como é que você se chama agora, Gule?

Não me chamo mais Gule.

Vou começar a dieta imediatamente. Sem carboidratos. Suco verde. Preciso comprar couve e espinafre. É bom pro coração.

Vou fazer exercícios físicos. Vou ser fitness. Vou fazer palavras cruzadas e baixar um aplicativo de aeróbica. Um relógio que conta os passos dados durante o dia. Pretendo dar dez mil passos por dia. A antiga mulher que eu era, lembra da Gule? A Gule não faria nem metade.

- E como é que você se chama agora?

Vou me matricular em todas as atividades que já ouvi falar, vou estudar uma nova língua, ler todos os livros que já tenho e comprar todos os outros que ainda não conheço, escrever finalmente, vou me inscrever para ser voluntária no lar das pessoas que precisam de voluntários em seus lares, vou comprar uma passagem, não, uma passagem não, vou comprar tudo que conseguir parcelar no cartão, em todas as lojas online da internet inteira, todinha!

Vou comprar uma estrela para chamá-la de... não pensei no nome ainda. Preciso comprar um telescópio também e um gato, não! Comprar não, adotar um gato, um cachorro, um periquito, um peixe, uma tartaruga, UMA CRIANÇA! É isso. Vou ligar para a agência de adoção e solicitar imediatamente que me concedam a guarda de alguma criança, preciso regar as plantas antes. Preciso retirar as que morreram. Todas morreram.

- Gostei, Gule. Me pareceu bem poético e eu sei que você não quer que seja poético, embora queira começar a escrever poemas..., mas não acho que é esse tipo de acontecimento que você precisa. É o que você acha que o mundo acha que deve ser. Você já está acontecendo.

Não foi por isso que eu quis acontecer.

Mudança de atmosfera. Adoro mudança.

Música cinematográfica. Lá vem ele. Vindo direto do camarim para o set de filmagem.

Passou-se uma semana.

O tempo passa rápido aqui. Quando ele quer. Tudo acontece tão rápido que parece que foi acelerado.

- Te disse. É só fingir que o tempo não existe.

Já é quarta-feira, por volta das dezenove e trinta.
E eu vou me preparar para a cena principal...

- Você quer que eu...

Não! Fique aqui.

Já vai começar.

Oi. Sou eu de novo. Tudo bem?

- Tudo indo. Contigo?

Tudo meio parado. Escuta, queria te fazer uma pergunta, mas não precisa me responder agora.

- Se for as horas são sete e meia.

Não é isso. Como é o teu nome? Não diz.

- Toma um café comigo amanhã? Eu te digo.

Não quer saber o meu?

- Me diz amanhã.

Amanhã não é quarta-feira.

- Não.

Você só passa quarta-feira.

- Eu fico ocupado quarta-feira. Amanhã é quinta. Toma um café comigo?

- Mas você nem o conhece.
Mas eu nem te conheço.

- Vai conhecer se quiser.

Você é um tarado pervertido?

- Acho que deve ser.

- Te garanto que não sou.

Tá bom. O que tem nessa caixa?

- Pra quê você quer saber?

Quero saber só. Só por saber.

- Te conto amanhã

Amanhã no café?

- Amanhã no café.

A Música cinematográfica volta e lá vai ele, gingando suavemente e sendo só mistério.

O que eu vou dizer a ele?

- Como é que alguém não quer saber o nome de alguém que convida para tomar café?

Vou dizer meu nome. No café. Tão misterioso.

Digo meu nome velho ou meu nome novo?

- Você não me disse seu nome novo e vai dizer a esse homem que você nem sabe o nome. Gule, eu te escuto. Eu te vejo. Continuo aqui.

Eu sei. Tomara que amanhã a frente fria venha mesmo. Vou por uma gabardine e ficar chiquérrima.

Vou ensaiar o café.

O avião... está virando costume passar a essa hora.

Que nome será que ele tem?

- O avião?

Geraldo? Arthur? Felipe? Caio? Marcelo? Rubens? Não... ele tem cara de Macedônio.

- Que nome horrendo.

Uma pena que ele tenha cara de nome tão estranho. Eu vi melhor a cara dele hoje. Definitivamente cara de Macedônio. Ele usa uma barba, um óculos, uma bolsa atravessada no corpo, um corp. Macedônio usa um corpo...

- Ele não usa barba. Barba não é acessório. Nem corpo.

Ele tem cara de que é inteligente. Tão misterioso o Macedônio.

Que café eu devo pedir? Tanto tempo que ninguém me convida pra um café. Existe alguma etiqueta para qual café pedir no primeiro encontro? Meu primeiro encontro com o Macedônio...

E se eu disser só o nome velho mesmo? O novo ele descobre sozinho.

Olá, eu sou a Gule

Oi, me chamo Gule

Gule. Meu nome é Gule

Alô, sou Gule, G de Gut... não! Sem soletrar.

- Você não sabe se o nome dele é Macedônio.

Tenho um encontro. Estou um pouco nervosa.

- É só não ir.

Te incomoda que eu tenha um encontro?

- Sim. Digo, não. Não muito. Não.

Você é uma graça.

- Eu estou aqui. Qualquer coisa.

Vou usar esse. O vestido da sorte. Mas usei no velório. Estragou a sorte. Vou usar o preto.

Por que é que eu não usei o preto no velório e o da sorte em outra ocasião?

Vou treinar minha cara de mistério.

Será que quando nos encontrarmos vai tocar a música cinematográfica de concerto orquestrado e eu vou ver fogos de artifício como se tivesse encontrado o grande amor da minha vida em um acontecimento único e especial? É assim que o mundo espera que seja.

No espelho parece que eu sou interessante.

- Você é interessante.

Pode ser que ele me aconteça. Eu gostaria disso.

- Você está criando expectativa demais. Eu gostaria que você me visse aqui.

Eu te vejo. Você está enciumado? Você disse que não se incomodava.

- Muito. Eu disse que não me incomodava muito. Não estou enciumado. Gostaria que você acreditasse mais em mim.

Tá bom. Eu acredito. Se você diz que não está incomodado, não muito, eu acredito.

- Não sobre isso.

Vamos dormir? A temperatura caiu. Estou bem cansada e amanhã tenho um encontro, um café, você sabe. E tenho outras coisas para fazer durante o dia e talvez eu as faça. Me sinto com energia.

- Dorme Gule, que eu vou acontecer para você. Vou girar tanto que o mundo vai acontecer para você. Eu vou acabar o mundo para você.

Boa noite, ventilador.

- Mesmo sem funcionar eu sei o que preciso fazer. Há um vento muito frio. Um frio quase glacial. Minha vontade de acontecer também é um gelo. Eu aconteço de realidade, de sonho. Como se fosse a mesma coisa. Eu sou coisa, eu não ligo. Não estou furioso. Estou calmo como o frio que entra nas minhas entranhas. Estou calmo e silencioso. Não tenho tempo. Não fui feito de tempo. Abro a boca e sai azul, devagar tomando conta de todas as palavras saídas das bocas das pessoas. O mundo não vai mais querer nada de nós. Eu não vou matar Gule, mas fico maior, fico enorme. O vento vai cair sobre a cidade, sobre o bairro. Os bancos da praça vão se arrepender de estarem ao ar livre. Sou o vento que vai destruir o mundo e eu gosto de dizer isso. Tomaria uma xícara de café e acenderia um cigarro se fumasse só para assistir meu acontecimento. Vou destruir tudo com um sopro eu vou causar o acontecimento mais perigoso de todos. Vou destruir o ventilador de teto que se recusou a matar.

Não sei se acordei mesmo ou ainda é sonho. Já é quinta-feira? Esfriou.

- Não, Gule. É um dia novo. Diferente dos que você conhece. Não é segunda, nem terça, nem quarta, nem quinta, nem sexta, nem sábado, nem domingo.

Quinta-feira eu tenho um compromisso. Um café.

- Você consegue me ouvir? Não sei se haverá quinta-feira.

Você aconteceu pra mim? Eu adoro que você tenha acontecido pra mim. Eu estou mais calma.

- Estou tão cansado.

Não importa o que o mundo espera de nós. Você acontece. Como é que você faz isso?

- Assim é a vida, Gule. As coisas acontecem.

E as pessoas?

- Elas acontecem também.

Por que é que você fez isso?

- Para desabafar, Gule. Não está mais assim tão quente. E também pra te inspirar. Não tem mais que se preocupar com o que vão pensar sobre você. E você pode ser quem quiser e escrever o que quiser. Vai já começar, Gule. Ouve o barulho?

É a valsa triste? Eles finalmente vão se chocar e levar meu telhado. E vão levar o telhado da casa com o ventilador de teto. Tá nos cálculos e nos anagramas.

- Eles se aproximam. Vamos assistir.

Que horas são?

- O tempo não existe mais. Não importa.

Ainda existem dias e noites?

- Acho que sim.

O sol, a lua, a chuva, o vento também?

- Sim, se você quiser.

Hoje eu acordei e coisas acontecem todos os dias.

Eu ainda me chamo Gule. Tenho a mim. Tenho um ventilador que aconteceu. Tenho me dado conta de que o ato de estar viva é um acontecimento sim, o maior de todos. Coisas acontecem todos os dias. Eu ficava esperando alguma coisa, o tempo todo. Não fico mais. Não quero mais ficar. Dentro de mim as coisas não precisam ser acontecidas porque elas acontecem por si mesmas. Sem esperar, sem anunciar.

Lá vem ela chegando. Não é nada grandioso. Vem em silêncio.

É só a paz de estar só, e ela deixa a porta aberta para eu não estar se não quiser.

Viu?

- Gule começa a se arrumar. Veste outro vestido, nem o da sorte nem o preto. Arruma os cabelos, passa um batom e um perfume.

Por que você não me disse? Estava fora da tomada esse tempo todo. E eu achei que tinha te perdido, que estávamos quebrados. E você nem disse nada.

- Não achei importante. E foi tão bom não funcionar pra você hoje.

Foi um acontecimento. E agora eu vou acontecer muitas coisas. Vou encontrar Macedônio e fazer uma cena. Com música. No café. É cinema. Eu já nem sei. Eu amo você. Eu amo mesmo, mas a porta está aberta e eu vou sair. Obrigada por ter acontecido pra mim.

- Você quer que eu gire enquanto você não volta?

Você quer girar?

- Quero.

Esta dramaturgia foi criada no projeto *Brasis por escrever*, uma realização do **Platô – Pesquisa e Produção**, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

